

OLHAR O MUNDO PELAS IMAGENS BRITÂNICAS: A PRESENÇA DE MATERIAIS INGLESES NO PATRIMÓNIO ESCOLAR PORTUGUÊS

Maria João Mogarro¹

mjmogarro@ie.ul.pt

Universidade de Lisboa – Instituto de Educação

1. O PATRIMÓNIO ESCOLAR: AS PREOCUPAÇÕES DO PRESENTE E AS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Na última década, assistiu-se a um significativo interesse pela escola e pelo seu passado, o que deu novos sentidos a iniciativas dos anos anteriores. Olhares renovados foram dirigidos pelos historiadores e investigadores da história da educação sobre o património e a materialidade da escola e vários projectos de investigação e de intervenção têm sido desenvolvidos no âmbito destas temáticas.

Internacionalmente, este movimento de preservação e valorização do património da educação tem vindo a ganhar uma relevância crescente nos campos científicos da educação e da história, nomeadamente no espaço europeu. Articulado em linhas de investigação, neste domínio, com iniciativas de grande fôlego que conferem visibilidade à história da escola e ao património da educação em vários países, surgiram publicações cujos autores pertencem às várias comunidades científicas dos respectivos países e estão, simultaneamente, ligados a projectos e à criação e consolidação de museus de educação de prestígio internacional.

Assim, surgiu em França uma obra colectiva de referência sobre o património da educação nacional², que se articula com a acção desenvolvida pelo *Musée National de l'Éducation* (Rouen), que integra o *INRP – Institut National de Recherche Pédagogique*. Também no campo da história das disciplinas escolares têm sido realizados estudos importantes³, a par do desenvolvimento de projectos de salvaguarda dos materiais científicos, no contexto da articulação destes com os métodos pedagógicos. Em Espanha, as obras sobre esta temática⁴ inserem-se num movimento de investigação que também conduziu à criação de uma rede significativa de museus pedagógicos, escolares e sobre a infância. As comunidades científicas do Norte da Europa (Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha, etc.) têm vindo a desenvolver estudos sobre a materialidade da escola, articulando esta dimensão com investigações sobre a realidade na sala de

aula (a *blackbox* do sistema educativo) e as práticas pedagógicas⁵. Os numerosos endereços de museus e colecções relativas à educação e à infância, nomeadamente os museus virtuais, que são indicados por diversos investigadores⁶, revelam a ligação da comunidade universitária com os museus de educação, que assumiram uma importância e dimensão significativas nestes países. No panorama internacional verifica-se assim um interesse convergente das linhas de investigação sobre o património cultural e material da educação com a consolidação de instituições museológicas dedicadas aos mesmos temas. É um movimento transnacional, cujas semelhanças evidenciam a globalização da forma escolar e dos objectos materiais que a configura(ra)m⁷.

Em Portugal este movimento tem-se vindo a afirmar. Historicamente, o museísmo pedagógico conheceu dois momentos importantes com o *Museu Pedagógico Municipal de Lisboa* (1883), de Francisco Adolfo Coelho, e a *Biblioteca Museu do Ensino Primário* (1933), dirigida por Adolfo Lima⁸. Mais recentemente, no campo do estudo científico sobre o património da educação, é fundamental tomar como referência um levantamento de 1996 sobre as instituições escolares do sistema de ensino não superior, abrangendo os seus espólios arquivísticos, bibliográficos e museológicos. O trabalho foi realizado por um grupo coordenado por António Nóvoa e conduziu à criação do Instituto Histórico da Educação, que existiu entre 1998-2002. Era a afirmação veemente de «uma ideia com passado», como então foi sublinhado⁹ e que hoje constitui uma referência para nós.

No âmbito do referido estudo, o património museológico das escolas secundárias (antigos liceus e escolas técnicas) foi considerado bem conservado e de qualidade. Várias destas escolas tinham projectos museológicos próprios, como salas-museu, espaços de exposição e estratégias de divulgação das suas colecções. Estas experiências demonstram a existência de uma dinâmica pela preservação e divulgação do património educativo, protagonizada por professores, por técnicos e pelas próprias escolas. No que respeita ao ensino primário e básico, as características da sua rede, espalhada pelo território nacional, implicaram uma significativa dispersão e criaram obstáculos à preservação dos equipamentos e materiais deste nível de ensino.

No país, registam-se numerosas iniciativas (de natureza muito diversificada) no sentido de desenvolver estudos sobre a escola, o seu património histórico e a sua memória¹⁰. Mais recentemente, a base de dados do Ministério da Educação sobre o Inventário on line *Património Museológico da Educação* disponibiliza informação que permite uma análise inicial e extensiva sobre as colecções das escolas, com o registo de cada objecto museológico e seus aspectos, mas necessita de um enquadramento científico sistemático e uma interpretação contextualizada, em articulação com os processos educativos¹¹.

O interesse sobre o património cultural da educação insere-se nas novas perspectivas sobre a cultura escolar e a materialidade, que olham os materiais didácticos e os objectos de uso quotidiano como artefactos que iluminam as inovações tecnológicas e sua aplicação às realidades educativas. Em si, estes objectos permanecem inertes (lápiz, carteiras, quadros, livros, computadores) mas colocados nos contextos dos usos que deles fizeram professores e alunos, passam a constituir poderosos instrumentos para iluminar as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula e as rotinas quotidianas. É uma dimensão da vida escolar que tem permanecido na penumbra e no silêncio, mas

recentemente afirmou-se como uma linha de investigação das mais ricas e mobilizadas da história da educação e da história cultural, exigindo novas abordagens metodológicas. Este é o enquadramento do Projecto «Educação e Património Cultural: escolas, objectos e práticas», desenvolvido no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e coordenado por Maria João Mogarro, em que se insere este trabalho.

A partir deste contexto, tomamos como referência o estudo de Rui Lopes¹² sobre os mapas e outras imagens parietais do Liceu Passos Manuel, uma investigação que constitui um notável exemplo da pesquisa sobre o património material da educação para a realidade portuguesa. No caso deste Liceu, os documentos didácticos com origem em Inglaterra ocupam globalmente o terceiro lugar do conjunto investigado. Depois da Alemanha e da França, a Inglaterra contribuiu para este fundo educativo com 9%, correspondente a 133 mapas e imagens parietais. Significativamente, a área disciplinar onde os materiais ingleses se apresentam em primeiro lugar é no ensino das Línguas Vivas, com particular destaque para o inglês, o que expressa a importância do ensino desta língua, que paulatinamente foi substituindo o ensino do francês. Centrando-nos neste espólio, e mesmo considerando que ao longo do tempo se perderam exemplares destes materiais, estamos perante um conjunto de imagens, relativo ao ensino das Línguas Vivas, que é significativo e nos pode servir de referência, pois o que se passou em outras instituições do ensino secundário não terá sido muito diferente do que ocorreu com o apetrechamento material do Liceu Passos Manuel. Aliás, este liceu ocupou um lugar central na consolidação da rede liceal, pelo que alguns dos outros se terão debatido com maiores dificuldades na aquisição destes materiais.

O conjunto de imagens para o ensino das Línguas Vivas é constituído por:

149 imagens ali encontradas, 10 das quais repetidas, sendo portanto 139 originais, dividem-se em 9 grupos ou coleções, 6 de origem inglesa, 2 de origem francesa e um conjunto de imagens independentes onde surge um exemplar inglês, um dos EUA, outro português e ainda um alemão. Contabilizando o número de exemplares temos que 106 exemplares, cerca de 71% do total, têm origem inglesa e 40, cerca de 26 %, são provenientes de França, os restantes correspondem a 1 exemplar de Portugal, 1 dos EUA e 1 da Alemanha¹³.

As imagens e quadros parietais povoam hoje os espaços dos antigos liceus, assumindo uma função essencialmente decorativa, quando expostos, ou ficando guardados em locais geralmente recônditos. A sua conservação é muito desigual, dependendo da resistência ao tempo e em função da robustez dos materiais de produção (os alemães são os que apresentam maior resistência, os franceses são os mais frágeis), dos cuidados com que foram tratados e da intensidade de utilização.

Ao longo do tempo, estes materiais foram adquiridos a casas editoras, estrangeiras ou portuguesas, através de empresas nacionais que eram suas representantes em Portugal ou por contacto directo. As aquisições partiram de iniciativas específicas dos reitores do Liceu ou foram o resultado de uma política seguida pelos organismos do poder central responsáveis pelo apetrechamento do ensino secundário¹⁴, dependendo ciclicamente dos regimes políticos e das orientações seguidas nesta matéria, que em certos períodos conferiram autonomia às instituições ou, em outros momentos, privilegiaram a centralização destas medidas.

2. AS IMAGENS QUE VIAJARAM PARA PORTUGAL: O CASO DA COLECÇÃO TODAY AND TOMORROW

Um conjunto didáctico importante para o ensino das línguas é a colecção *Today and Tomorrow*, constituída por 39 quadros numerados que, ao contrário do que muitas vezes acontecia com os quadros parietais, não foram colados em papel nem levaram régua. Deste modo, foram preservadas as inscrições das margens, facilitando a identificação da colecção (título), do editor, etc. Segundo Rui Lopes, denotam pouco uso e estão em bom estado de conservação, não foram sujeitos a tratamento com verniz e a colecção apresenta uma impressão com certo brilho, que realça os seus traços de elegância.

Outra importante fonte de informação sobre estes quadros parietais é a base de dados/inventário on line *Património Museológico da Educação*, disponibilizada pelo Ministério da Educação português, que apresenta «um conjunto de peças que integram as colecções pertencentes aos vários estabelecimentos de ensino, designadamente antigos Liceus e Escolas Industriais, e que partilha com a comunidade o trabalho que envolve as escolas e os professores, divulgando parte do valioso e vasto património museológico que se encontra sob a tutela do Ministério da Educação»¹⁵. As imagens e dados que utilizamos nesta análise foram também recolhidos desta fonte de informação, que apresenta a colecção *Today and Tomorrow* completa, com imagens e registo dos elementos principais.

Os autores destes quadros não são conhecidos, dado que se encontram omissos nos quadros (que nalguns casos indicam o desenhador ou o ilustrador), mas sabemos que a sua origem é inglesa e a sua edição foi da responsabilidade de E.R. Boyce, para a casa MacMillan and Company¹⁶. Os quadros têm um tamanho médio de 53 x 43 cm. As imagens são, de um modo geral, elegantes e muito reais, feitas num desenho que se aproxima da fotografia e com um colorido variável. Na sua maior parte, apresentam cenas com actividades humanas, bastante coloridas e pormenorizadas e com um movimento expressivo dos actores que estão agindo nesses cenários. São ambientes tipicamente britânicos de meados do século passado, ricos de conteúdo e que captam a atenção dos alunos, embora sejam difíceis de observar pelos espectadores colocados a maior distância. A perspectiva, que pode ser aérea ou frontal, aproxima-nos do centro das cenas. Uma perspectiva global desta colecção permite-nos compreender as situações que eram privilegiadas pela estratégia editorial que lhe esteve subjacente, recordando que estas imagens se destinavam a ser utilizadas nas aulas de línguas para introdução e alargamento de vocabulário, motivando a expressão oral e escrita dos alunos.

O Quadro n.º 1 representa o interior duma sala de aulas, onde as crianças estão em intensa actividade, limpando e arrumando, enquanto outras trabalham e a professora escreve no quadro sobre o tema da limpeza. Todas as crianças realizam tarefas: limpam o chão, arrumam tesouras, jogos e outro material didáctico. A sala tem uma grande parede envidraçada, que cria um ambiente marcado pela luminosidade e contribui para a alegria patente nos rostos dos alunos.

A cozinha é o ambiente do Quadro n.º 2, com uma cena doméstica onde a mãe penteia a filha pequena, a avó está a ver, enquanto trata da loiça, e dois outros jovens se arranjam, encontrando-se um bebé no jardim exterior.

O Quadro n.º 3 mostra-nos um consultório pediátrico, sendo atendidas pelo médico e enfermeiras duas crianças, acompanhadas pela mãe.

O Quadro n.º 4 representa uma cena doméstica numa açoteia árabe, com vários elementos masculinos e femininos de diversas idades, alimentos e roupas estendidas.

É também árabe a casa de campo do Quadro n.º 5, com os seus habitantes e os vários animais domésticos.

O Quadro n.º 6 é igualmente uma paisagem árabe, com vários personagens à volta dum chafariz, com os seus animais (cavalos, camelos, burros, cães), destacando-se uma zona de lavagem de roupas.

O Quadro n.º 7 mostra um típico mercado árabe, apresentando grande bulício e actividade.

No Quadro n.º 8 observa-se uma classe escolar infantil, em que as crianças estão a vestir trajes variados, preparando-se possivelmente para representar uma peça de teatro ou para festejar o Carnaval. Destacam-se vários personagens, como reis e rainhas, princesas e cavaleiros, enfermeiras e carteiros, o capuchinho vermelho, etc. Nas paredes da sala vêem-se desenhos e quadros parietais pendurados, que funcionam como elementos cénico-decorativos adequados à idade dos jovens que formam o grupo.

O Quadro n.º 9 tem como título *The little loaf* e remete para um universo de contos tradicionais: observa-se uma cena no interior da cozinha de uma casa rural, talvez do séc. XIX, com um gato e um cavalheiro idoso e a fumar cachimbo, junto à lareira, enquanto uma mulher corre atrás de um objecto redondo, que tem uma cara desenhada, sem corpo, o qual rola porta fora.

O Quadro n.º 10 situa-nos ainda no mundo dos contos populares, com um desenho esquemático. Está representada uma paisagem de campo com uma casa de madeira rodeado por uma cerca, também de madeira, no canto superior esquerdo. Do portão da cerca sai um caminho que vai até a um campo de cereal (no canto inferior direito). Por esse caminho corre um homem velho de barbas brancas e longas e que ameaça com um pau um bode que se encontra no campo de cereais e o olha com um ar surpreendido. Por cima desta cena, vê-se uma série de árvores, sob as quais estão um urso, um lobo e um coelho. Uma raposa, a correr, aproxima-se destes animais vindo do lado esquerdo. Ao fundo vê-se o céu azul e uma zona branca, que indicia a existência de montanhas cobertas de neve.

O Quadro n.º 11 está também no registo dos contos infantis e apresenta a imagem duma sercia, sentada numa rocha, no meio de um curso de água e à saída de uma gruta, que agarra a mão de uma menina que está na margem. Perto vê-se uma casa com jardim, construída na falésia sobre a praia.

Um jovem pastor a tocar flauta junto do rebanho, encostado a uma de várias grandes pedras, é o tema do Quadro n.º 12, vendo-se ao longe uma pequena localidade e, como pano de fundo, barcos navegando ou ancorados no porto de mar.

O Quadro n.º 13 mantém a temática dos contos infantis e representa um conjunto de cisnes, muito estilizados e com coroa sobre as cabeças, que transportam pelos céus uma menina adormecida sobre uma esteira, sobrevoando uma paisagem de montanhas e construções árabes.

O Quadro n.º 14 mostra a montra colorida de uma loja de brinquedos, designada por *Tilly Tally's Toyshop* na tabuleta que a encima, tendo cada artigo uma etiqueta com o respectivo nome e preço.

Seguindo os mesmos parâmetros, o Quadro n.º 15 apresenta uma montra da loja de doces, com gelados, rebuçados, bombons e chocolates, encimada pelo nome *Mrs. Macqueen's Sweet Shop*; cada artigo também tem uma etiqueta com o respectivo nome e preço.

Por seu lado, o Quadro n.º 16 apresenta uma montra com produtos de mercearia, encimada pelo nome *Tom Tiddler, Grocer*, com os vários artigos expostos e devidamente marcados por uma etiqueta com o seu nome e o preço, à semelhança dos anteriores. Podemos observar os seguintes artigos: barra de sabão, detergente em pó, farinha, sal, pão de forma, fósforos, velas, cacau, açúcar, geleia, chá, margarina, conserva de peixe, queijo, gelatina, ovos, temperos e bolinhos.

O Quadro n.º 17 representa uma montra de frutas e vegetais, designada por *Joe Black, Fruit and Vegetables*, com as várias peças expostas e marcadas por uma etiqueta com o seu nome e o preço, vendo-se designadamente: maçãs, bananas, laranjas, cebolas, limões, feijão verde, peras, tomates, tâmaras, cerejas, ervilhas, batatas, cenouras, couves e nabos.

O Quadro n.º 18 apresenta-nos um grande mercado citadino, coberto e com a arquitectura de ferro, com as várias bancas de venda de frutos e vegetais, carne, brinquedos, roupa, loja de animais, etc. Os produtos expostos estão marcados com os respectivos preços e o ambiente é colorido e marcado pelo movimento de vendedores e clientes.

O Quadro n.º 19 mostra o cruzamento de ruas numa cidade, onde circulam carros e há o movimento e a cor de uma rua inglesa com lojas, pessoas e tráfego intenso.

O Quadro n.º 20 mostra uma mina de carvão, com a superfície onde se concentram as grandes máquinas e, em corte, a estrutura e actividade desenvolvida no subsolo, com legendas explicativas.

O Quadro n.º 21 mostra um grande navio a ser reparado por vários operários, nas docas, em paisagem muito movimentada de um porto de mar.

O Quadro n.º 22 conduz-nos ao interior de uma enfermaria hospitalar infantil, em que estão crianças doentes, enfermeiras e mães.

O Quadro n.º 23 deixa ver o interior de uma oficina de reparação de automóveis, onde os mecânicos estão em plena laboração.

O Quadro n.º 24 mostra o movimento do interior de um quartel de bombeiros, no momento em que estes faziam os preparativos para sair em combate de um fogo.

De uma perspectiva aérea, o Quadro n.º 25 revela uma estação de comboios, com composições em movimento, edifícios que a compõem e movimento dos utilizadores, realçando-se o interior (por meio de corte) do edifício principal.

O tema do Quadro n.º 26 é um aeroporto, visto a partir do interior do cockpit de um avião. O quadro mostra-nos a torre de controlo, o edifício principal com as mangas de embarque e vários aviões estacionados, alguns em manutenção e outros parados, podendo observar-se os passageiros no desembarque. Todas as situações estão identificadas através de legendas.

O Quadro n.º 27 apresenta o interior de uma estação de correios, com as pessoas em grande azáfama, vendo-se o balcão de expediente e a oferta de serviços: venda de selos, telegramas, expedição de encomendas, telefone e outros.

O Quadro n.º 28 pode classificar-se como bastante curioso, apresentando variados tipos de aeronaves voando em simultâneo, estando a maioria no momento do seu levanta-

tamento. Ao centro, um foguetão a sair da rampa de lançamento, vários aviões militares cruzam os céus e um satélite gravita no horizonte. À esquerda, numa enseada, um torpedeiro, num primeiro plano, em terra, dois militares estão em manobras e, à sua direita, duas crianças e um homem lançam foguetões de diversão.

No Quadro n.º 29 vê-se a cena de um porto piscatório, com intenso movimento no cais e várias embarcações movendo-se no mar, em tarefas marcadamente de pesca.

Uma casa de dois andares com corte vertical ocupa o centro do Quadro n.º 30, remetendo para situações de faz de conta e de brincadeiras com bonecas. O interior é perfeitamente visível, com as diversas divisões. Através do corte vertical do alçado principal, pode ver-se o sistema de distribuição de águas, de esgotos e a instalação eléctrica. A habitação é rodeada por um espaço arborizado, tendo à sua direita uma garagem. Uma criança e o seu cão brincam em frente da casa. No piso térreo, podemos observar, à direita, a cozinha com uma senhora a cozinhar e uma parte da sala de refeições; ao centro, o hall de entrada e as escadas para o piso superior para onde se dirige um rapazinho a correr. À esquerda, uma sala de estar com uma secretária e, sentado à frente duma lareira, um senhor a ler o jornal. No piso superior, por cima da sala de estar, temos um quarto de dormir com cama de casal, com lareira; ao centro, uma casa de banho com um termoacumulador eléctrico, colocado no interior de um armário; à direita, temos um quarto de criança com duas camas.

O Quadro n.º 31 apresenta uma escola com os alunos a construir marionetas e respectivos cenários, experimentando algumas das crianças as marionetas já feitas.

O Quadro n.º 32 é ocupado por uma orquestra tocando, com legendas no local das pautas, para identificar os vários instrumentos.

Continuando no universo musical, o Quadro n.º 33 exhibe várias pessoas a tocar instrumentos de cordas e de sopro, em madeira, devidamente identificados (tal como os que estão colocados no plano superior, sem estarem a ser usados). Assim, na parte superior temos uma viola, uma guitarra, um banjo e um bandolim; no nível seguinte, intermédio, um grupo de músicos de várias idades toca instrumentos de cordas e de sopro, como violino, violoncelo, contrabaixo e harpa; na fila do nível inferior, toca-se piccolo, flauta, fagote, oboé, corne inglês, clarinete e flauta de bisel.

O Quadro n.º 34 mostra, na sequência do anterior, várias pessoas de diferentes idades, a tocar instrumentos de sopro em metal (trombone, trompete, trompa francesa, tuba, tubular bells) e instrumentos de percussão (címbalos, ferrinhos, pandeireta, xilofone, glockenspiel, celesta, tímbalos, bass drum e slaide drum).

O Quadro n.º 35 apresenta uma sala de aula, com duas crianças a cuidar dum vasto conjunto de plantas diferentes, em vasos e caixas de vários tipos. A aluna e o aluno mudam a água a várias plantas, colocadas em frascos de vidro. Cada flor ou planta está identificada com o respectivo nome, escrito num rectângulo de papel. Na parede, no canto superior esquerdo e ao lado da grande janela que dá para o recreio, onde brincam várias crianças, está colocado um cartaz com a indicação dos nomes dos alunos responsáveis naquela semana pelas actividades de ciências naturais: «Please, loock after the Nature Table this week Gwen and Bob».

Ainda sobre o tema da educação científica na sala de aula, o quadro n.º 36 apresenta uma série de pequenos animais (insectos, répteis e peixes, identificados nas margens laterais

do quadro) em vários recipientes apropriados, sobre as mesas, com as crianças ocupadas em apanhar, analisar e cuidar destes seres. Uma aluna identifica com uma lupa um conjunto de plantas, outro aluno enche um aquário e um terceiro chega do exterior com um frasco contendo um réptil. Na parede do fundo, existem dois quadros parietais de biologia.

O Quadro n.º 37 mostra animais na escola, num espaço onde se pode observar vários animais, uns à solta, outros em gaiolas, alguns identificados nas margens do quadro. Num primeiro plano em baixo, um rapaz tem ao colo um coelho preto e branco tendo à esquerda vários alimentos (cenouras, nabos, couves, verduras e pão) e uma tigela com água. À sua direita está uma gaiola fechada com um coelho castanho. Num plano superior à esquerda, temos uma gaiola aberta, com vários ratos no exterior e respectivos alimentos e água. À direita, uma gaiola aberta, de onde sai um hamster dourado, e no exterior outros dois animais da mesma espécie, que se alimentam.

Os pássaros são o tema central do Quadro n.º 38, que apresenta um espaço ajardinado de uma casa, no inverno, onde várias espécies de pássaros (devidamente identificados nas margens do quadro) se alimentam no chão e em poleiros, observados por um rapaz que espreita de uma janela da casa.

O Quadro n.º 39 mostra uma animada sala de ginástica, onde um grupo de mais de duas dezenas de alunos e alunas praticam diversos exercícios físicos em aparelhos, tais como cordas, espaldar, colchão e traves.

No seu conjunto, são imagens que apresentam grande dinamismo e os ambientes simples, mas confortáveis e preenchidos de objectos modernos (na época de edição), colocando diante dos olhos dos alunos um mundo que eles eram convidados a comentar, analisar e identificar com a sua própria vida, por adesão ou rejeição. Estamos perante um universo de trabalho e de quotidianos: na escola, em casa, na rua, no mercado, nas lojas, na oficina, na fábrica, nos transportes, etc., As tarefas são desempenhadas com alegria e empenho e inseridas em contextos organizados, disciplinados, coloridos e esteticamente belos que remetem para a vida familiar, as tarefas domésticas, a comida, as compras, as profissões, as actividades económicas, o desporto, enfim, os objectos e situações comuns que se encontram em cenários tipicamente ingleses.

3. A UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA DAS IMAGENS PARIETAIS NAS PRÁTICAS DE ENSINO

Estes quadros parietais são representativos dos materiais que foram utilizados ao longo do tempo como auxiliares de ensino, ao serviço de princípios pedagógicos que reclamavam o desenvolvimento do método directo ou natural, no qual se inseria o seu tratamento didáctico. A aquisição e desenvolvimento do vocabulário em uma língua estrangeira assumiam a necessidade de se fazer em simultâneo com o do objecto/coisa/fenómeno que se aprendia, daí a validade da sua apresentação ou representação perante os alunos, no momento em que se desenvolvia o processo conducente a essa aprendizagem. Na transição do século XIX para o século XX, a dimensão prática do ensino ganha importância crescente, reclamando a utilidade das aprendizagens das línguas vivas para a vida dos alunos e da sociedade em que se iriam inserir: «a primazia da razão sobre a memória e do real sobre o verbal encontram-se na base da renovação pedagógica que então se processou»¹⁷. Deste modo, defendia-se um ensino concreto

e o método intuitivo, com a utilização de novos materiais didácticos que o desenvolvimento tecnológico colocava à disposição dos professores. Era uma panóplia de manuais, selectas modernas, imagens parietais e outros recursos disponíveis para um ensino mais vivo, intuitivo e natural. O desenvolvimento de conversação e o enriquecimento do vocabulário em língua estrangeira, a partir das imagens que os provocavam e alimentavam, foi um dos métodos mais defendidos pelos professores modernos dos liceus, que abordaram o seu uso em textos pedagógicos¹⁸.

Ao longo do século XX a utilização das imagens, na sua variedade temática e dos suportes que as veiculavam, continua a estar presente nas orientações pedagógicas defendidas para o ensino das línguas vivas, nomeadamente o inglês, pois que os métodos baseiam-se em grande parte na conversação e esta devia ser provocada e motivada pelos objectos e situações ou pela sua imagem. Estas metodologias baseiam-se na observação, em que a atenção do aluno é dirigida para um objecto ou situação com a finalidade de estudá-lo, de forma individual ou colectiva. Este princípio deu origem aos museus escolares, com as suas colecções de materiais didácticos (plantas, insectos, lâminas, aquários, viveiros) e à realização de passeios e excursões, para praticar e aprofundar a observação. As lições de coisas encontraram nestes objectos o universo para o desenvolvimento das suas metodologias. No ensino das línguas, o exame das imagens colocadas perante os alunos permitiam a sua análise e descrição, enumerando e enunciando os objectos, as pessoas e as acções, descrevendo as situações e relações neles representadas, motivando as opiniões de natureza estética ou moral. Deste modo cumpriam o seu objectivo, estando na base de exercícios de expressão oral, enriquecimento de vocabulário, aplicação de regras gramaticais e redacção escrita de uma língua específica, no caso em análise o inglês.

A utilização destes materiais didácticos só ganha verdadeiramente sentido quando utilizado pelos professores e compreendido no contexto das suas práticas. Importa para tal saber como os professores os encararam no exercício da profissão, ganhando relevância neste campo os seus relatórios, que fazem referência à utilização dos quadros parietais nas aulas. De modo geral, indicam a sua utilização principalmente para motivar os alunos, despoletar a conversação e consolidar o interesse pela disciplina.

4. CONCLUSÃO

Os quadros parietais aqui estudados incluem-se no património escolar português, representando uma pequena parte desse rico e multifacetado universo patrimonial. Eles constituem uma riqueza em perigo, pois não é demais recordar que ao longo do tempo muitos quadros parietais e outros materiais didácticos foram desaparecendo das escolas, sendo imperioso valorizar os que chegaram até nós e testemunham a utilização que foi feita destas tecnologias materiais de ensino.

O desenvolvimento tecnológico foi sendo cada vez mais complexo e a sua sofisticação abrangeu várias dimensões da sociedade e dos quotidianos, invadindo grande parte das vivências humanas, ao serviço do progresso e do bem-estar. As escolas e o ensino das diversas disciplinas receberam estes novos materiais e incorporaram-nos nos processos e práticas de ensino, como auxiliares preciosos ao serviço de um ensino intuitivo e activo, como as novas metodologias reclamavam. Estes materiais

constituem também um legado do positivismo, que marcou o século XIX, com novos campos do saber e com um rigoroso exame científico da realidade, de que não esteve ausente uma perspectiva enciclopedista do mundo de então.

Estes quadros decoram ainda hoje muitas paredes e espaços das nossas escolas, evocando com a sua beleza estética os valores que presidiram à sua elaboração e assumindo uma função cénico-decorativa¹⁹ que evoca a sua importância até à segunda metade do século XX: «Os meios parietais de ensino inscrevem-se em grande parte neste mecanismo de ser espectacular para despertar o interesse e dirigir a visão dos alunos de modo não só a observarem mas também a apreenderem o que lhes era destinado»²⁰. Estes meios de ensino constituem uma tecnologia de comunicação e foram ferramentas poderosas e apelativas, que transmitiam ideias e valores de forma natural, sem resistências, contribuindo para um processo disciplinar das mentes e dos corpos. Os quadros da coleção *Today and Tomorrow* exprimem uma visão da sociedade de consumo, burguesa e desenvolvida, que cultivou o culto do trabalho, a estrutura familiar clássica, típica da classe média, a subalternização das mulheres, com os seus papéis sociais claramente definidos, assim como ignora as etnias e as sociedades diferentes, que não estão presentes nestas imagens. Estamos perante uma visão do mundo homogénea, segura do seu poder no contexto das nações, que se quer difundir através destes materiais que são produzidos em Londres, mas entram no processo de circulação dos materiais didácticos e modelos pedagógicos a uma escala mundial, indo servir as finalidades do ensino em diferentes partes do globo, como aconteceu nos liceus portugueses.

NOTAS

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto «PEst-OE/CED/UI4107/2011» e do Projecto «Education and Cultural Heritage: schools, objects and practices / Educação e Património Cultural: escolas, objectos e práticas [Refⁿ projecto:PTDC/CPE-CED/102205/2008]».

² ALEXANDRE-BIDON, D. A.; COMPERE, M. M.; GAULUPEAU, Y.: *Le patrimoine de l'éducation nationale*, Charenton-le-Pont, Flohic, 1999.

³ BELHOSTE, B.; GISPERT, H.; HULIN, N. (dir.): *Les Sciences au lycée. Un siècle de réformes des mathématiques et de la physique en France et à l'étranger*, Paris, INRP et Vuibert, 1996; PINTASSILGO, J.: «História do currículo e das disciplinas escolares: balanço da investigação portuguesa», in J. PINTASSILGO, L. A. ALVES, L. G. CORREIA, M. L. FELGUEIRAS (Org.): *A História da Educação em Portugal: balanço e perspectivas*, Porto, Edições Asa, 2007, pp. 111-146; PINTASSILGO, J.; TEIXEIRA, A.; BEATO, C.; DIAS, I. C. (Org.): *A História das disciplinas escolares de Matemática e de Ciências. Contributos para um campo de pesquisa*, Lisboa, Escolar Editora, 2010.

⁴ ESCOLANO BENITO, A.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J.: *La memoria y el deseo. Cultura de la escuela y educación deseada*, València, Tirant lo Blanch, 2002; ESCOLANO BENITO, A. (ed.): *La cultura material de la escuela*, Berlanga de Duero – Soria, CEINCE – Centro Internacional de la Cultura Escolar, 2007; RUIZ BERRIO, J.: *La cultura escolar de Europa. Tendencias históricas emergentes*, Madrid, Biblioteca Nueva, 2000; RUIZ BERRIO, J.: «Historia y Museología de la Educación. Despegue y reconversión de los museos pedagógicos», *História de la Educación*, 25, 2006, pp. 271-290.

⁵ LAWN, M.; GROSVENOR, I.; ROUSMANIERE, K. (eds.): *Silences and Images; social histories of classrooms*, New York, Peter Lang, 1998; DEPAEPE, M. (org.): *Order in progress. Everyday education practice in primary schools: Belgium, 1880-1970*, Leuven, Leuven University Press, 2000; LAWN, M.; GROSVENOR, I. (eds.): *Materialities of schooling. Design, technology, objects, routines*, Oxford, Symposium Books [Comparative Histories of Education Series – Editors /Martin Lawn and António Nóvoa], 2005; DEPAEPE, M.; SIMON, F.: «Fuentes y métodos para la historia del aula», in M. FERRAZ LORENZO (ed.), *Repensar la historia de la educación. Nuevos desafíos, nuevas propuestas*, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 2005, pp. 337-363; DEPAE-

PE, M., SIMON, F., CATTEEUW, K.; DAMS, K.: «Filming the blackbox. First impressions on unused sources in the study of history of primary education in Belgium», in N. PEIM; K. MYERS; U. MIETZNER (eds.): *Visualising Subject and Object in the History of Education*, New York, Peter Lang, 2005, p. 203-231; LAWN, M. (ed.): *Modelling the Future: Exhibitions and the Materiality of Education*, Oxford, Symposium Books, 2009.

⁶ PEÑA SAAVEDRA, V. (dir.): *Os museos da educación en Internet*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia/Mupegá– Museu Pedagógico de Galicia, 2004.

⁷ NÓVOA, A. & SCHRIEWER, J. (eds.): *A difusão mundial da escola*, Lisboa, Educa, 2000.

⁸ MOGARRO, M. J.: «Os museus pedagógicos em Portugal: história e actualidade», in *I Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico – O Museísmo Pedagógico em Espanha e Portugal: itinerários, experiências e perspectivas*, Santiago de Compostela, Xunta da Galicia / Mupegá – Museu Pedagógico de Galicia, 2003, pp. 83-107.

⁹ NÓVOA, A. (coord.): *Instituto Histórico da Educação*, Lisboa, Ministério da Educação, 1997.

¹⁰ FERNANDES, R.; FELGUEIRAS, M. L. (orgs.): *A escola primária: entre a imagem e a memória*, Porto, Fundação Cupertino de Miranda, 2000; MOGARRO, M. J.: «Archives and Education. The construction of educational memory», *Sisifo. Educational Sciences Journal*, 1, 2006, pp. 73-84. Retrieved [month, year] from <http://sisifo.fpce.ul.pt>

¹¹ MOGARRO, M. J.; GONÇALVES, F.; CASIMIRO, J.; OLIVEIRA, I.: «Inventário e Digitalização do Património Museológico da Educação – um projecto de preservação e valorização do património educativo», *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, Vol. 14, n.º 30, Jan/Abr 2010, pp. 153-179.

¹² Lopes, R. J. N. *Captar a atenção, ilustrar a memória! – Viagem ao universo de mapas e outras imagens parietais do liceu de Passos Manuel*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado), 2004.

¹³ Idem, p. 83.

¹⁴ Idem, pp. 60-73.

¹⁵ O *Inventário e Digitalização do Património Museológico da Educação* é a base de dados acessível em: <http://edumuseu.sg.min-edi.pt>

¹⁶ A Macmillan and Company foi fundada em 1843 pelos irmãos Daniel e Alexander Macmillan, escoceses, tendo-se tornado um dos principais grupos editores em língua inglesa, com implantação a nível mundial. A sua grande expansão ocorreu nos meados do século XX, quando foi presidida por Harold Macmillan, antigo primeiro ministro britânico. As suas edições são constituídas por livros e material educativo, assim como por obras científicas e literárias, nomeadamente dicionários e enciclopédias e revistas científicas (como a *Nature*). Pertence, desde 1999, ao grupo editorial alemão Verlagsgruppe Georg von Holtzbrinck GmbH.

¹⁷ Lopes, R. J. N. Op. cit., p. 284.

¹⁸ Idem, pp. 284-287.

¹⁹ Idem, p. 318.

²⁰ Idem, p. 319.